

Michel Foucault: ficção, real e representação
A produção de sentidos sociais: desdobramentos
teóricos contemporâneos

Michel Foucault: fiction, reality and
representation
The production of social meanings: contemporary
theoretical developments

Juan Pablo Chiappara

Doutorando em Literatura Comparada – UFMG
Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni- BH)
Correio eletrônico: juanpablochiappara@terra.com.br

Resumo: Este trabalho parte de alguns textos de Michel Foucault que tratam da questão das fronteiras entre o real e o ficcional, tendo por base uma reflexão motivada por leituras literárias e essencialmente pelo conceito de heterotopia. Foucault é um dos primeiros pensadores a ter uma visão interdisciplinar na prática e cujo pensamento atravessa várias áreas das ciências humanas ligando-as pela noção de discurso, conceito chave no seu pensamento. No nosso trabalho, são comentadas outras três propostas teóricas, comparando reflexões francesas e brasileiras, a partir de três conceitos trabalhados por três autores influenciados por Foucault: o conceito de paratopia (D. Maingueneau), o de mimesis (L. Costa Lima) e o de imaginário (Luis A. Brandão). O tema que vincula o conjunto é a questão da produção de sentidos sociais.

Palavras-chave: ficção – real – representação

Abstract: This work has been made from some of Foucault's texts that deal with the matter of frontiers between what is real and what is fictional, based on a reflection motivated by literary readings and essentially by the concept of *heterotopia*. Foucault

is one of the first thinkers to have a practical overview among different subjects and his thought goes through several areas of Human Sciences connecting them by the notion of discourse, a key concept in his thinking. In our work we comment on three other theoretical proposals, comparing french and brazilian reflections based on three concepts presented by three authors who were influenced by Foucault: the concept of *paratopia* (D. Maingueneau), the concept of *mimesis* (L. Costa Lima) and the concept of *imaginary* (Luis A. Brandão). They are all connected with the common issue of the production of social meanings.

Key words: fiction – reality – representation

Introdução

Dentro do campo da crítica literária, neste início de século XXI ainda acontece um embate teórico que herdamos de uma tradição que começa no Romantismo. Durante grande parte do século XX esse confronto se cristalizou no debate entre uma corrente *sociologizante* e outra *imanentista*, por defini-lo de forma ampla, quer dizer, uma corrente que tomava a literatura como escusa para pensar falar da sociedade ou então que negava a variável histórica como eixo de leitura.

Já nos últimos 30 ou 40 anos, no campo da crítica e das ciências da linguagem, percebe-se um esforço geral por pensar o fenômeno da criação e da recepção literárias a partir de uma postura teórica que problematiza a relação do texto literário com o referente (e vice-versa), com o que seria um *dentro* e um *fora*, de uma forma distinta. Michel Foucault foi um pensador que bem cedo, já nos anos 1960 e durante o auge do estruturalismo, conseguiu pensar em termos diferentes, colocando questões que hoje em dia são essenciais.

Neste artigo, partindo de uma explanação de algumas idéias de Foucault sobre a produção de sentidos a partir do discurso literário, viés pelo qual ele coloca a questão essencial que hoje em dia ocupa as ciências sociais e que diz respeito as fronteiras do real e do ficcional nos distintos regimes discursivos da academia, estudamos outros três enfoques teórico-críticos que estão sob a influência direta ou indireta do pensamento foucaultiano. Ao mesmo tempo, pela escolha dos autores, realizamos uma ponte comparativista entre um pensamento contemporâneo francês e outro brasileiro. Estes, convergindo e divergindo, colocam algumas questões comuns, ainda que as respostas elaboradas ou esboçadas anunciem desfechos variados.

Pretendemos, então, articular as idéias de Michel Foucault, Dominique Maingueneau, Luiz Costa Lima e Luis Alberto Brandão em torno da questão levantada.

Michel Foucault: heterotopias

O conceito de heterotopia, de Michel Foucault, aparece pela primeira vez no "Préface" do livro *Les mots et les choses* (1966). Nesse texto, o autor começa dizendo que a idéia que esse conceito encerra lhe veio lendo um texto de Jorge Luis Borges. A partir dos comentários de Foucault, podemos deduzir que se trata do texto "El idioma analítico de John Wilkins". Foucault (1966: 10-11) explica a idéia desse conceito assim:

Esse texto de Borges ["El idioma analítico de John Wilkins"] me fez rir muito tempo, ainda que provocasse um certo mal-estar difícil de ser vencido. (...) As utopias consolam: se elas não têm um lugar real, pelo menos se expandem num espaço maravilhoso e liso; elas abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões

acessíveis, ainda que seu acesso seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque minam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto ou aquilo, porque despedaçam os nomes comuns ou os emaranham, porque ruínam de antemão a “sintaxe”, e não só aquela que constrói as frases, - aquela menos explícita que faz “manter juntas” (ao lado e frente à frente umas das outras) as palavras e as coisas. (...) as heterotopias (como encontramos tão freqüentemente em Borges) ressecam a proposta (...) (tradução nossa).

Também em 1966, Foucault publica um artigo na revista “*Critique*” intitulado “*La pensée du dehors*” (Foucault, 1994, vol. I: 518-539), que é uma reflexão a partir da leitura de Maurice Blanchot. Nesse artigo há a preocupação por uma questão ligada ao espaço, concretamente ao espaço literário. O texto é enigmático, sobretudo quando é propositivo. As críticas que ele profere são mais fáceis de apreender. Sente-se, claramente, por um lado, uma oposição ou restrição à crítica estruturalista, que na época começava a dominar na França, oposição essa que se exprime nos seguintes termos: “Temos o hábito de crer que a literatura moderna se caracteriza por um redobramento que lhe permitiria designar-se a si mesma” (Foucault, 1994, vol. I: 519). Por outro lado, há uma censura a uma visão solipsista da produção literária, a qual consistiria em tomar os textos como produto de um “eu” auto-centrado que pensa e vê o mundo de fora; o autor escreve:

O que torna tão necessário o ato de pensar esta ficção [a moderna] – sendo que antigamente se tratava de pensar a verdade – é que o ‘eu falo’ funciona como às avessas do ‘eu penso’. Este conduzia, de fato, à certeza do eu e de sua existência; aquele, ao contrário, recua, dispersa, apaga esta existência e dela não deixa aparecer nada mais do que o lugar vazio (Foucault, 1994, VOL. I: 520).

Como resposta a essa dupla crítica, Foucault propõe uma aproximação ao texto literário que resume no título do artigo mencionado, "*La pensée du dehors*" (O pensamento do fora). Nesse texto, em princípio, a tese de Foucault é a de incluir um fora tanto em relação à linguagem quanto ao indivíduo, ao sujeito. É nesse sentido que ele está promovendo nessa época uma avaliação da questão do espaço que consegue exprimir de forma concisa ao criar o neologismo heterotopia. Mas incluir um fora não consistirá, já a essa altura, pensar em termos de representação do mundo pela linguagem senão em pensar uma relação paradoxal que desafia o pensamento. Tanto no prefácio citado de 1966 como neste artigo, por um lado, deparamos com a questão do espaço e, por outro lado, com a questão da produção de sentido. O termo heterotopia parece resumir essa dupla problemática. No que diz respeito ao prefixo *hetero-*, sabemos que ele aponta diretamente para o *alter*, o outro, e, nesse sentido, também se enquadra nas noções de "ao lado" e "contra", na relação especular do *eu* e do *outro*. Já *-topia* é lugar e espaço.

Um terceiro texto de Foucault nos interessa agora onde ele retoma as idéias dos outros dois textos. Trata-se de uma conferência intitulada "*Des espaces autres*" (Espaços outros) (Foucault, 1994, vol. IV: 752-762), conferência apresentada no *Cercle d'études architecturales*, em 14 de março de 1967, na Tunísia, texto cuja publicação o autor só autorizaria em 1984. Nessa ocasião, ele retoma algumas das idéias comentadas e as exprime assim:

Primeiro, há as utopias. As utopias são espaços sem lugar real. São espaços que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou oposta. É a própria sociedade

aperfeiçoada, ou é o contrário da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias formam espaços que são fundamental e essencialmente irreais. Também há, e isso provavelmente existe em todas as culturas, em todas as civilizações, lugares reais, lugares efetivos, lugares que estão inscritos exatamente na instituição da sociedade, e que são um tipo de contra-espaços, um tipo de utopias efetivamente realizadas nos quais os espaços reais, todos os outros espaços reais que podemos encontrar no seio da cultura, são ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, tipos de lugares que estão fora de todos os lugares, ainda que sejam lugares efetivamente localizáveis. Esses lugares, porque são absolutamente diversos de todos os espaços que refletem e sobre os quais falam, eu os chamarei, por oposição às utopias, de heterotopias (Foucault, 1994, vol. IV: 755).

Dominique Maingueneau: a paratopia

Mais recentemente, também no âmbito francês, Dominique Maingueneau, apresenta o conceito de paratopia como proposta metodológica de acesso ao texto literário. Em *O contexto da obra literária* (2001), ele se posiciona, segundo suas próprias palavras, contra uma abordagem filológica, outra marxista, ou ainda contra uma abordagem estruturalista do texto literário. O autor se prepara para apresentar uma “teoria da comunicação literária”. O subtítulo do livro, “Enunciação, escritor, sociedade”, anuncia uma preocupação pragmática e esclarece uma possível dúvida quanto ao sentido da palavra “contexto” no título. Para o autor, o contexto representa, antes de nada, uma preocupação com as condições de enunciação. A definição de paratopia aparece nas primeiras páginas do primeiro capítulo. O cerne da questão desse conceito é uma discussão que faz oscilar a condição do autor/escritor, enquanto agente de produção de sentido, entre espaços

paradoxais: o campo literário¹, a sociedade, seu posicionamento dentro desses dois espaços e o espaço da obra. Dizemos paradoxais no sentido de que a “enunciação se constitui através da própria impossibilidade de se designar um ‘lugar’ verdadeiro”. (Maingueneau, 2001: 27) E acrescenta:

A pertinência ao campo literário não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas antes uma negociação difícil entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. Essa localidade paradoxal, vamos chamá-la paratopia (Maingueneau, 2001: 28).

Ao longo do livro, o lugar do escritor, na medida em que Maingueneau (2001) analisa diferentes casos, aparece descrito ou parafraseado como um “entrelugar”, um “verdadeiro outro lugar” (Idem: 59), “a impossibilidade de se designar um lugar verdadeiro” (Idem: 27) ou “a situação paradoxal do parasita” (Idem: 177). Em todo caso, assiste-se ao estabelecimento de um esquema que coloca a paratopia na superposição de dois espaços ou no surgimento de um terceiro espaço.

O paralelismo com o conceito de heterotopia chama a atenção. Dominique Maingueneau não cita Foucault, mas uma preocupação comum parece estar por trás dos dois conceitos, inclusive pela semelhança do termo usado por Maingueneau, sem mencionar as influências diretas de Foucault na atual AD e, especificamente, em Maingueneau. A perspectiva que coloca o conceito de paratopia faz aparecer a noção de fora pensada como uma zona conflitante: “o

¹ Pierre Bourdieu (1996), conceito embasado na história política e literária da França pós-revolucionária. Para uma reflexão semelhante no contexto da América Latina: SOMMER, 2004.

escritor alimenta sua obra com o caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade." (Maingueneau, 2001: 27). O texto literário é o resultado de uma inscrição do autor na obra, que acontece nesse meio-termo e que resulta da articulação de seu posicionamento entre o campo literário e a sociedade. "Paradoxal", "dispersa", "parasita", (Idem: 29), "Longe de enunciar num solo institucional neutro e estável" (Idem: 27), "a necessidade de jogar nesse meio-termo", "entre o lugar e não-lugar", "deslocalização" (Idem: 28), "ambigüidade da paratopia do escritor" (Idem: 35), "duplicidade radical" (Idem: 189), são algumas das tentativas do autor por aproximar-se de um esclarecimento do conceito em questão. Como no caso de Foucault, a questão, que o autor se esforça por definir estaria já no desdobramento do próprio termo do prefixo para-: "ao lado, ao longo de e contra" (Machado, 2002: 251), o que já anuncia um paradoxo ou um problema de convergência e divergência.

Em 2003, Maingueneau publica em Belo Horizonte o artigo: "Le discours littéraire contre la littérature en soi". No artigo, há três conceitos centrais que já tinham sido tratados no livro *O contexto da obra literária* e que o autor retoma: interlíngua, intertexto, paratopia. Sobre este último conceito, Maingueneau se esforça em esclarecer o que, segundo ele, poderia não ter ficado claro no livro citado acima, que na edição francesa é de 1994. "A paratopia não é uma situação inicial: somente há paratopia se ela for elaborada através de uma atividade de criação e de enunciação". (Maingueneau, 2003: 29). E acrescenta, "(...) como a própria palavra mostra, toda paratopia pode convergir a um paradoxo de ordem espacial" (Idem: 30).

Os dois outros conceitos, interlíngua e intertexto, complementam a reflexão em torno de paratopia. Com eles, trata, por um lado, de esboçar uma crítica a uma visão solipsista do código linguageiro:

Uma das características maiores do regime instituído pelo Romantismo, ainda hoje dominante, consiste em acreditar que o código linguageiro é supostamente individual: cada escritor tem por tarefa elaborar o seu código, aquele que corresponde a sua visão de mundo (Maingueneau, 2003: 25);

e, por outro lado, tenta pensar na forma social como a literatura se forja:

Para os escritores, o exercício do discurso literário não é a entrada num mundo onde as obras se responderiam num diálogo irênico. A criação vive desses gestos pelos quais o escritor corta um fio, sai do território esperado, desloca, desvia, exclui ou ignora, reavalia outras obras... A própria noção de posicionamento implica uma relação triangular: é confrontando-se com posicionamentos concorrentes que o criador define seus próprios trajetos no intertexto (Maingueneau, 2003: 22).

A idéia de Maingueneau nos parece fértil e atende ao problema que se coloca cada vez mais e para o qual se procuram saídas, problema que consiste em dizer que a literatura joga num meio-termo, como diz Maingueneau (2001: 28), em que ela não pode se fechar sobre si mesma, mas também, de um modo geral, ela não se confunde com qualquer outro tipo de enunciado ou texto. É para uma apreensão da realidade literária nesses termos que parece apontar o conceito de paratopia que "(...) não é, então, uma situação inicial: só há paratopia elaborada através de uma atividade de criação e de enunciação" (Maingueneau, 2003: 29).

Luiz Costa Lima: a mimesis.

No âmbito brasileiro, Luiz Costa Lima (2000) vem estudando o conceito de mimesis há 25 anos, como ele mesmo diz. O pontapé inicial de sua pesquisa foi uma tentativa de se afastar de uma idéia de mimesis como representação, uma contestação do conceito como uma via de mão única (Idem: 11) na qual o texto seria um espelho individual do contexto social.

Atualmente, a sua pesquisa também choca contra duas formas de se fazer crítica. Por um lado, uma crítica de cunho sociológico que fica aquém das perguntas que Costa Lima (2000: 15) se faz: "(...) como podemos saber que a crítica ultrapassa sua mera inscrição subjetiva? Que ela é mais do que apenas arbitrária retórica ou precária aposta?" Para Costa Lima (Idem: 20), as obras não são documentos de um contexto histórico. Por outro lado, (Idem: 21) ele reage contra uma forma de leitura que efetua um divórcio com o mundo, que assimilamos a uma crítica estruturalista ou autotélica.

No livro citado, *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000), Costa Lima está pensando na questão da mimesis como categoria para fazer crítica e também está se questionando sobre o próprio estatuto da crítica de forma explícita. Esta discussão é relevante para a idéia central deste projeto inicial de tese já que resulta interessante se repensar uma forma de leitura do literário tendo presente uma reflexão sobre o lugar que o crítico ocupa. Costa Lima (2000: 17-18) vê o crítico sem lugar, sem um lugar pré-estabelecido: o lugar do crítico se define por sua

tarefa interminável e não necessariamente por uma indecidibilidade.

Assim, ele anuncia o seu projeto:

(...) repensar a relação entre o papel das representações efetuadas pelo sujeito – representações e sujeito considerados de maneira diversa de como o pensamento moderno nos acostumou a fazê-lo – e o fenômeno da mimesis, tampouco integralmente entendida como o fizeram os antigos (Costa Lima, 2000: 21).

Costa Lima (2000: 23) desloca a visão de sujeito como fonte e comando solar das representações. Em compensação, como Foucault, ele parte da noção de um sujeito fraturado e destaca a importância de se pensar: “na posição do sujeito, a qual, variável e raramente harmônica com outras posições suas, se torna uma das variáveis a levar em conta”. O sujeito não tem uma definição totalmente determinada a priori, mas ele se posiciona no interior dos conflitos e de seus interesses no âmago dos grupos sociais. Nesse ponto, ele coloca uma questão fundamental, com ecos nos conceitos de heterotopia e paratopia e as respostas que eles procuram dar:

A questão delicada que se põe para a análise crítica consiste em como relacionar essa posição com o caráter do texto, sem entretanto estabelecer entre eles uma relação inevitavelmente causalista. Enquanto anti-semita e colaboracionista, Louis-Ferdinand Céline assumia uma posição dentro da França ocupada. Como essa posição do sujeito se relaciona com o caráter de seus romances? O fato de eu próprio não saber respondê-lo e não ter notícia de quem o saiba apenas enfatiza o caráter problemático da questão (Costa Lima, 2000: 23-24).

À questão do sujeito, Costa Lima acrescenta a questão da representação não entendida como *imitatio*. A proposta será considerá-

la em termos que achamos muito próximos dos colocados também por Foucault e Maingueneau, quer dizer, considerar a mimesis como uma atividade, e como uma atividade dialógica – “de mão dupla”, diz Costa Lima (2000: 25) –, em que a representação existe, mas ela não representa algo anterior. Poderíamos dizer que ela é produto de uma troca, um efeito, como diz o autor na sua conclusão. (Idem: 398).

Mas dentro desses planos de coincidência com os outros dois autores, ele coloca uma questão que abre um novo debate e que também estimula à sua compreensão dentro do seu plano de trabalho. Nos surpreende quando conclui que a sua pesquisa visa(va) encontrar, através da discussão da questão do sujeito e da mimesis como efeito, uma forma de leitura que criasse “parâmetros de relativa objetividade” (Costa Lima, 2000: 399). Numa crítica ao desconstrucionismo, que abriria, segundo ele, um leque de leituras em que qualquer sentido atribuído seria possível e nos colocaria frente ao esvaziamento de sentido, o autor propõe a indeterminabilidade à indecidibilidade. Parece justo pensar se o que implica esta não é, em última instância, o que Costa Lima quer dizer com aquela e se, nesse caso, a nuance não poderia implodir. É nesse ponto que Costa Lima avança no seu raciocínio para uma discussão que fica em aberto e que é a da função da linguagem no texto. Ele se interroga sobre a significação, sobre a forma de produzir sentido da própria linguagem. Nesse ponto, deixa em aberto uma discussão com base na lingüística e na filosofia da linguagem, reatando um vínculo com o colocado por Foucault e Maingueneau.

Luis Alberto Brandão: o imaginário.

Deslocando ainda um pouco o nosso foco, embaçando a imagem para procurar depois uma outra nitidez, tentemos o desafio de sintetizar o tema discutido até aqui numa questão que Brandão (1999), também no âmbito brasileiro, coloca a alguns escritores: “O que sabe a literatura?”. Atualmente, Brandão (2005) no livro *Grafias da identidade. Literatura contemporânea e imaginário nacional* aborda essa mesma questão sob o seguinte ângulo analítico: “O caráter paradoxal da experiência literária se explica pelo fato de esta tornar possível o questionamento da oposição entre real e ficcional” (2005: 9). Essa oposição real/ficção sintetiza uma dupla problemática com ecos nas questões levantadas pelos três autores precedentes. Por um lado, no que diz respeito à questão da representatividade ou não do texto literário. Por outro lado, no relativo à questão do saber e da constituição do saber através de textos que se apresentam dentro de uma ou outra disciplina, ou área do conhecimento. Grosso modo, trata-se, neste último caso, do problema discutido tanto pela crítica literária como pela crítica da historiografia de saber onde está o limite entre fato ou reconstrução histórica, arquivo ou memória, tal como é colocado por autores como Michel de Certeau (1982), Paul Ricoeur (2000) e o próprio Costa Lima (2000), que discute a questão no livro comentado antes; e, do ponto de vista da crítica literária e do próprio texto literário, também Piglia (2004).

Mas, interessa-nos focalizar o primeiro desdobramento da questão levantada, onde está a proposta teórico-metodológica de Brandão. Falamos da discussão que ele coloca da superação de um funcionamento binário, que aparece como a preocupação da busca de

um mecanismo que permita o funcionamento entre essa dicotomia tradicional que estabelecem real e ficção, o que poderíamos chamar também de dentro e fora do texto literário ou ainda de linguagem e referente. Esse mecanismo será o imaginário (2005: 9). A tentativa parece ser ultrapassar um caráter ontológico definidor, que possa superar a questão do ser ou não ser. Do mesmo modo que Foucault pensava na superação da fórmula cartesiana deslocando-a para uma possível fórmula “falo, logo existo” (*supra*: 2), poderíamos pensar que o dispositivo que a noção de imaginário ativa pode ser o deslocamento da fórmula shakespeariana para *ser e não ser, eis a questão?* Esse deslocamento insinuará uma saída dentro do proposto por Brandão?

Sabemos desde já que uma diferença básica distingue o trabalho de Brandão dos três outros porque a sua proposta teórica é apresentada através do que poderíamos chamar uma “aplicação”, bem entre aspas e não no sentido pejorativo que muitas vezes é atribuído a este termo. Quer dizer, não no sentido de concebermos por um lado uma teoria, por outro um texto a ser analisado e finalmente uma análise aplicando a teoria. A proposta, chamada de “aventura crítica” (2005: 19), é a de pensar e propor uma reflexão teórica que se constitui na composição de um texto que, além de ser crítico, também é a *mise en marche* do mecanismo do imaginário, gerando uma “teoria imaginária”, como Brandão mesmo afirma (2005: 17), o que nos lembra as colocações feitas pela pesquisadora Lisa Block de Behar (1999: 92) quando afirma:

El texto crítico se encuentra entre el texto de creación sin dejar de ser creación él mismo, y el texto teórico, sin dejar de ser teórico. Una convergencia organizada de formas del conocimiento que pasan por la imaginación o por la razón dando lugar a una tercera forma de imaginación razonada (...)

E, no caso de Brandão, essa atitude se transforma numa colocação explícita que consiste em afirmar que, nessa aventura, se abrirá mão de uma conclusão crítica, advertindo-nos da presença de vários timbres na confecção textual: o narrativo, o teórico, o conjectural, o assertivo, o poético, o raciocinante (2005: 20).

O deslocamento do ponto de vista em relação aos três outros ângulos de pesquisa analisados neste trabalho consiste nessa proposta de teoria prática ou prática teórica, que nos remete ao subtítulo de um capítulo de Michel de Certeau, “A arte de pensar: Kant”, onde ele vai discutir um texto do filósofo que aborda o tema da oposição ciência/arte de fazer. (Certeau, 1994: 145-149).

Neste trabalho tentamos relacionar quatro formas de pensar no fato literário e no seu funcionamento na contemporaneidade, nas relações entre um dentro e um fora, nas fronteiras do real e do ficcional. Para tal, partimos de algumas idéias de Foucault que continuam cada vez mais atuais e que nos fornecem um pensamento (e uma forma de pensar) muito instigante para a leitura do texto literário e suas interfaces com outras áreas das ciências sociais. A pergunta continua sendo, como para Foucault (1999: 65-120): como se produz o sentido? Como se passa de uma imagem literária ao sentido? E outras perguntas, que anunciam um trabalho de fôlego maior e outros desdobramentos seriam: há margem ainda, nesse mundo desprovido de uma ética como se conheceu até faz relativamente pouco, para alguma interpretação possível, para uma consciência moral e uma reflexão? Haverá, então, como pensa Baudrillard, uma implosão do lugar das idéias, do que se chamava de idéias? (Baudrillard, 2005: 9).

Bibliografia

- ARISTÓTELES. *Poética*. 2004. Buenos Aires, Ed. Libertador.
- AUGÉ, M. *Los no lugares. Espacios del anonimato. Una antropología de la sobremodernidad*. 2004. 8 re-impressão. Barcelona, Gedisa.
- BAUDRILLARD, J. 2005. Entrevista. *Revista Cult* - Revista brasileira de literatura. São Paulo, Ano 8, nº 95, setembro: 7-11.
- BLOCK DE BEHAR, L. *Borges, la pasión de una cita sin fin*. 1999. México, Siglo XXI.
- BOULLANT, François. Michel Foucault, Penseur de l'espace. *Nouveau millénaire. Défis libertaires*. Jan. 2003. Disponível em: <http://1libertaire.free.fr/Foucault49.html>.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte*. 1996. São Paulo, Companhia das Letras.
- BRANDÃO, L. A. *Grafias da identidade*. Literatura contemporânea e imaginário nacional. 2005. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Lamparina Editora.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 1982. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- _____. 1994. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes.
- _____. GIARD, L. MAYOR, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 1996. Petrópolis, Vozes.
- CHIAPPARA, J. P. Foucault e Borges: espaço e heterotopia. In: PASSOS, I., BELO, F. (orgs.) *Na companhia de Foucault. 20 anos de ausência*. 2004. Belo Horizonte, FALE/UFMG, pp. 94-108.

CHIAPPARA, J. P. El Sur: uma leitura lingüístico-discursiva de Borges. In MELLO, R. (org.) *Análise do discurso & Literatura*. 2005. Belo Horizonte, NAD/POSLIN/FALE, pp. 63-84.

COSTA LIMA, L. *Mímesis: desafio ao pensamento*. 2000. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. 1966. Paris, Gallimard.

_____. *A arqueologia do saber*. 1987. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

_____. *Dits et Écrits*. Vol. I. 1994. Paris, Éditions Gallimard.

_____. *Dits et Écrits*. Vol. III. 1994. Paris, Éditions Gallimard.

MACHADO, Ida Lúcia. 2002. Bom Bril + CARLOS MORENO = 1002 UTILIDADES. *Revista Athos e Ethos*. Faculdades Patrocínio, V. 2, pp. 249-267.

MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. 1996. São Paulo, Martins Fontes.

_____. *O contexto da obra literária*. 2001. São Paulo, Martins Fontes.

_____. Le discours littéraire contre la littérature en soi. In MARI, H. et alii (orgs.) *Análise do discurso em perspectivas*. 2003. Belo Horizonte, NAD/FALE/UFMG, pp. 17-32.

MATEOS, Z. *La filosofía en la obra de Jorge Luis Borges*. 1998. Buenos Aires, Biblos.

MARTÍNEZ, G. *La fórmula de la inmortalidad*. 2005. Buenos Aires, Seix Barral.

PIGLIA, R. *La ciudad ausente*. 2004. Buenos Aires, Seix Barral.

PLATÃO. *Teeteto - Crátilo*. 2001. Belém, EDUFPA.

REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*. 2005. São Carlos, Editora

Revista Áulica

Juan Pablo Chiappara

Michel Foucault: *Ficção, Real e Representação*

A produção de sentidos sociais: desdobramentos teóricos contemporâneos

Claraluz.

RICOEUR, P. *La memoria, la historia, el olvido*. 2000. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina.

SOMMER, D. *Ficções de fundação*. Os romances nacionais da América Latina. 2004. Belo Horizonte, Editora UFMG.

Recebido em dezembro/2006.

Aprovado em fevereiro/2007.